

As Carmelitas do Desterro de Viana do Castelo

Isabel M. R. Tavares de PINHO¹

RESUMO

O Mosteiro do Desterro de Viana do Castelo, a norte de Portugal, foi o último a ser construído na cidade e um dos últimos no país. Num tempo de progresso científico opôs uma fé incondicional, uma crença essencialmente espiritual traduzida no despojamento, simplicidade e austeridade de formas. A grandiosidade volumétrica espanta enquanto convida à elevação, ao louvor e ao recolhimento interior, como um espelho da fundadora da Ordem Carmelita.

ABSTRACT

The Desterro Convent, in Viana do Castelo, in the north of Portugal, was the last to be built in the town and one of the last in the whole country. In an age of scientific advances it offered unconditional faith and essentially spiritual belief translated into the plainness, simplicity and austerity of its forms. The sheer volume of its magnificence astonishes the beholder, while it encourages elevation, praise and inner retreat as if it were a mirror of the Order of the Carmelites' founder.

Convento ou Mosteiro? Generalizou-se a designação de convento para toda e qualquer instituição religiosa, masculina ou feminina, situada num nebuloso passado envolta em qualquer coisa de romantismo. É extremamente difícil procurar clarificar a questão porque as pessoas são avessas a opiniões contrárias àquelas que há muito perfilharam pela tradição do hábito.

Nós que vamos estudando algumas daquelas casas tropeçamos amiúde neste obstáculo cultural, que a explicação simples não parece convencer. A vida do mosteiro é contemplativa tanto para monges como para monjas e inclui a permanência dos seus membros. No caso das casas femininas as razões vão mais longe. A natureza autónoma do mosteiro permitiu, durante longo tempo uma situação geográfica isolada.

¹ Mestre em História da Arte em Portugal pela FLUP

As permanentes invasões e as violações do espaço sagrado nestas instituições, levaram à necessidade de trazer as comunidades femininas para os limites urbanos. Mas o quotidiano monástico não se alterou. As monjas continuaram nos seus redutos, afastadas do século, com os contactos imprescindíveis filtrados por grossas grades de afiadas puas e rodas onde a discrição era total. Mesmo nos momentos solenes o distanciamento manteve-se total e o contacto físico no indispensável, caso dos comungatórios com a diminuta ministra ou substituída por um longo túnel a permitir a passagem exclusiva da mão do celebrante. A clausura permaneceu absoluta e mesmo reforçada com o Concílio de Trento..

Apesar de o convento ser igualmente um instituto religioso a sua vocação é outra, além do serviço a Deus há o serviço aos homens. O Divino chega pela Palavra e pelo auxílio físico e material. Os frades pregavam, ensinavam, cuidavam dos doentes e peregrinos, viviam fora e recolhiam-se para partilhar as esmolas e o catre.

Como as casas femininas estavam normalmente sob orientação dos Gerais das Ordens vulgarizou-se a denominação de convento para todos, mesmo nos casos em que o superior era o Ordinário do lugar.

De novo voltamos ao tema com as Carmelitas vianenses: convento por terminologia mendicante, mosteiro por espiritualidade intrínseca. Antes deste problema comum, outro se levantou, também vulgar nos tempos actuais. A falta de informação nas comunidades acerca das origens do seu património colectivo. Parece estarmos fadados para levantar questões há muito esquecidas. Primeiro os Crúzios que já apresentamos recentemente e agora o mosteiro de Jesus, Maria e José das Carmelitas Descalças, vulgarmente denominado o convento do Desterro de Viana do Castelo, nas várias instâncias fiscais e judiciais dos tempos da exclausuração.

Esta casa monástica surgiu-nos na sequência do levantamento das comunidades religiosas, femininas, de Viana do Castelo. O nosso estudo centrado nas beneditinas, com Viana do Lima como caso singular, necessitava de enquadramento quanto ao desenvolvimento e natureza dos recolhimentos para o excedentário número de elementos femininos no Antigo Regime.

Encontrámos duas fundações beneditinas de génese diversa e curiosa, ambas no século XVI. O aumento populacional e a falta de instalações apropriadas à condição social mostraram a insuficiência do recolhimento franciscano de Santiago existente desde finais do séc.XIV. No dealbar de 500 surge Sta.Ana, seguindo-se meio século depois S.Bento e assim ficou até que o Iluminismo alterando a condição da mulher



Figura 1 – Portal principal (hoje o acesso ao lar de Santa Teresa).



Figura 2 – Fachada da igreja (lado sul).

Descobertas se ergueram nos limites imediatos da urbe, os outros afastaram-se por necessidades de espaço e já sem as preocupações morais e religiosas que haviam ditado os primeiros. Por outro lado em finais do século XVIII a área urbana estava tomada não permitindo levantar estruturas de peso como um colégio e um mosteiro. O colégio ficou na freguesia de Monserrate e o mosteiro do Desterro na freguesia de Sta. Maria Maior a que pertenciam já os beneditinos, mas muito afastado deles. Tão afastado que parece não pertencer à área urbana. Hoje a Igreja chama-se de Nossa Senhora de Fátima e é sede da paróquia com a mesma invocação. Situa-se no largo que se chamou das Carmelitas, para nascente da ponte Eiffel, numa zona de urbanização recente. No que em tempos foi a sua cerca está a escola secundária de Santa Maria Maior, vulgo liceu de Viana e a escola básica Frei Bartolomeu dos Mártires. A recordar o lugar das hortas e do pomar o singelo portal de cantaria de granito mais semelhante à entrada de uma quinta civil que nem a iconografia carmelita individualiza. A estrutura pétrea é uma réplica das máquinas retabulares dos altares laterais. É visível a inspiração na colocação dos capiteis das colunas numa posição diagonal assim como o recorte superior, embora estilizado. Em Idêntica posição as colunas do portal de S.Domingos de Viana que são muito anteriores do século XVI. Este portal foi mudado para o lado norte e é agora o acesso ao Lar de Sta.Teresa, sucessor do Asilo de Protecção às Orfãs em que se transformou o mosteiro do Desterro. Aquele portal foi a entrada principal do recinto monástico, do lado sul, em frente da igreja onde estava igualmente uma cisterna, que um permanente aluimento da rua recorda .

Como se vê temos insistido na denominação de mosteiro. A Congregação dos Carmelitas Descalços a que recorremos para desembrulhar a questão declarou que

promoveu a sua educação e a partir de França irradiam os colégios das Ursulinas. Na segunda metade de 700 Viana tem um instituto feminino de Sta.Ursula em que as educadoras de obediência franciscana adoptam a Regra de St.Agostinho pela necessidade de se movimentarem nos meios civis. A outra fundação é a mais tardia ocorrida na vila, hoje cidade. Trata-se do mosteiro do Desterro. Encontrar vestígios dele foi algo complicado e afinal surgiu praticamente incólume. Mudara de nome, vive agora retalhado sob outras denominações, não fora a toponímia urbanística (já um pouco antiga) não o descobríamos.

Passara há muito a estratégia do Venturoso de fazer reunir nos centros urbanos as várias comunidades dispersas como forma de disciplinar e proteger a clausura. Se os dois mosteiros da época das

efectivamente era comum chamar às casas Mendicantes conventos, mesmo as femininas. No entanto pelo que ficou dito em termos de espiritualidade pensamos mais apropriada a terminologia que usamos. Por outro lado parece-nos que a recusa do epíteto por parte dos carmelitas será uma questão de grandeza, ou seja a sua vocação despojada não aceita a ideia que está subjacente a mosteiro.

Este estabelecimento monástico começou a levantar-se em 1780 por vontade de um natural da Baía, Caetano Correia de Seixas, filho de um vianense bem sucedido, retornado ao solo pátrio. Dos 4 filhos do torna viagem, Caetano, o único rapaz foi para Coimbra onde se tornou lente em cânones, jubilado e cónego doutoral na Sé e residente na Lusa Atenas. Os outros três, donzelas, recolheram-se em S.Bento de Viana onde duas professaram sob o véu do Patriarca. A profunda devoção a S.Paulo e/ou a admiração pelos exemplos carmelitas, deram-lhe o sentido de bem aplicar a imensa fortuna recebida. Já havia patrocinado o Colégio dos Órfãos de Coimbra. É esta a justificação dada pelo Livro da Fundação². No entanto o assunto não fica clarificado se atendermos ao facto do referido livro ser do século XVIII, tempo de apologias e artifícios linguísticos. Qualquer que seja a explicação as diligências e o custeio das obras ficaram registadas e uma enorme tela a óleo, representando e identificando o fundador atestava o seu patrocínio. Estava na portaria do mosteiro como indica o Inventário do Ministério das Finanças e o retratado ostenta um ar muito pombalino, pouco consentâneo com a piedade. O original foi consumido por um incêndio que destruiu parcialmente as instalações no início deste milénio. Ficaram cópias nos anexos da Igreja, feitos recentemente. Aquele benfeitor não viu a conclusão da obra porque faleceu em 1786.



Figura 3 – Parte superior da tribuna do altar- mor.

reformou o mosteiro de Ávila, introduzindo a primitiva austeridade e fazendo avançar o projecto dos observantes sobre os claustrais . Após a reforma feminina incentivou a masculina por intermédio dos padres carmelitas António de Jesus e João da Cruz. A reforma foi aprovada por Pio V e confirmada por Gregório XIII em 1580. A separação

A primeira congregação das Monjas Descalças da Ordem da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo em Portugal é de 1542, com o mosteiro da Esperança de Beja, iniciado com duas castelhanas.

A Ordem na sua versão masculina é bem mais antiga, datando do século XIII em Portugal e sedeadada em Moura.

O Papa Eugénio IV havia suavizado a Regra quando Sta.Teresa , no século XVI

² D'ALPUIM, Maria Augusta, *Carmelitas de Viana*, Cadernos Vianenses, C.M.V.C., 1979, p.125

entre Carmelitas Descalços e Calçados faz-se em 1593. Mas em 1581, no ano a seguir à confirmação da reforma chegam a Portugal os primeiros Carmelitas Descalços e em 1584 as primeiras religiosas reformadas. Em 1773, o breve “*Paterna Sedis*”, de Clemente XIV separa as congregações de Espanha e de Portugal. Foi neste contexto que se levanta o mosteiro do Desterro de Viana, o penúltimo em Portugal, seguido no ano posterior pelo do Coração de Jesus, junto da Basílica da Estrela e de patrocínio régio. D.Maria I como antes Luísa de Gusmão tinham preferencial afeição por estas contemplativas que se entregavam por completo ao desagravo de Cristo e da sua Igreja.

As Constituições fixadas em Espanha em 1701 eram válidas para todas as comunidades, quando se promoveu em Lisboa, em capítulo, uma versão portuguesa para as monjas, tomando como base as constituições espanholas aprovadas em 1786, aperfeiçoadas e confirmadas pelo Papa Pio VI em 1790.

O Mosteiro do Desterro

As diligências para aquisição dos terrenos principiaram em 1772 e em 22 de Abril de 1780 estavam adquiridas por escritura várias parcelas na rua da Bandeira com o custo total de 2 995 361 reis³.

Venderam casas e campos António Martins Coruxo, Domingos Fernandes Brasileiro e sua mulher Isabel Rodrigues, Gracia Maria do Espírito Santo, Manuel Francisco da Rocha e mulher Bernarda Barbosa de Alvarães, Rosa Clara Pita, Miguel Rodrigues Monção, Margarida Maria da Silva, António Barreto Maciel, as religiosas de Vale de Pereiro⁴ e ainda outros.

Em 1786 compraram as religiosas terreno para desaguar as águas do convento e em 1791 conseguiram de um vizinho, Ângelo Bernardo Salgueiro, o usufruto de uma faixa de terreno de 5 por 14 palmos “*desde o cunhal do privado dos moços athe a rua*”⁵.

No dia 8 de Março de 1780, reunidos em definitório no convento de S.João da Cruz de Carnide, Lisboa, a Congregação dos Carmelitas Descalços de Portugal, sob a direcção do Geral frei João de S. Joaquim e do secretário do Definitório frei António de Sta.Teresa, apreciaram a rogatória do cônego Caetano Correia Seixas no sentido de consentirem a fundação do mosteiro do Desterro. Havia já a aprovação da rainha e do arcebispo de Braga a que pertencia então Viana do Castelo, comarca eclesiástica de Valença.⁶

As condições de fundação e dotação eram as seguintes: 13 000 cruzados para um capelão, a nomear pela priora, rezar missa diária por ele fundador e seu pai. O que sobrasse desta verba revertia a favor da comunidade. Como fundador teria as

³ ADB – Fundo Monástico – *Carmelitas Descalças de Viana* C55, doc.447

⁴ Pensamos que as religiosas de Vale de Pereiro seriam as Ursulinas que vieram desta zona de Coimbra (Lousã) e estavam já em Viana

⁵ Esta tira de 1,00m por 2,80m estaria no extremo do adro da igreja, do lado poente, onde confinava a casa dos criados. Esta habitação tinha a norte e nascente o referido adro, a sul a rua da Bandeira e a poente um terreno do mosteiro (seria então este o usufruto). ADB – *Fundo Monástico*...C55, doc.447 (verso)

⁶ Esta questão não bate certa com o Livro da Fundação e Memórias que Maria Augusta d'Alpuim utilizou. Ou o erro é natural em tais registos feitos “*a posteriori*” ou houve confusão de transcrição porquanto os documentos do ADB dizem ter sido em Carnide, Lisboa e não Coimbra que se fez o Definitório

prerrogativas e privilégios de padroeiro, ou seja colocar as primeiras quatro noviças, sem dote, com ou sem a aprovação do “*conventus*” e manter cativos “*in perpetuum*” dois dos lugares, dispondo deles como lhe aprouvesse. Para as quatro daria somente o enxoval e a alimentação para o primeiro ano, o do noviciado. Como contrapartida as religiosas te-lo-íam sempre presente nas suas orações⁷.

Para a construção do edifício daria 40 000 cruzados divididos em quatro parcelas em quatro anos, tempo considerado suficiente para a sua conclusão. Impunha-se a condição que “*não excedesse a grandeza do convento de Sta. Theresa de Coimbra*”⁸. Apesar disto não se excluía a possibilidade de acrescentamento da verba desde que a razão não fosse descuido ou negligência. As obras ficariam sob a direcção do patrocinador, nomeando a congregação representantes para o acompanhamento⁹. A escritura fez-se em Abril de 1780.

A questão da implantação do conjunto monástico não terá sido completamente pacífica. O distanciamento relativamente ao centro da vila poderia parecer razão suficiente para a facilidade na aquisição da área requerida. No entanto se pensarmos que o valor da terra não era questão urbanística mas de riqueza pessoal, percebemos que o problema se poderia pôr em qualquer lugar. Três irmãos de uma família ilustre, Passos Figueiroa, queixaram-se de prejuízo ao serem obrigados a vender uma propriedade que haviam herdado na rua da Bandeira. Aquela morada de casas e terreno pertencera a um seu primo e tutor que fora do Juízo dos Órfãos de Viana (Manuel Luís de Passos)¹⁰.

Um documento do ADB diz que as primeiras carmelitas vieram para Viana em 1 de Junho 1785 quando o patrocinador doara já os primeiros 11 4000 cruzados entregues a frei Manuel de S.João Evangelista, cronista da Ordem e um dos primeiros intervenientes no projecto. Mas o Livro da Fundação regista outra coisa; no dia 31 de Outubro de 1780 chegaram a Viana cinco religiosas vindas de Coimbra a que se juntaram uma de Aveiro e duas do Porto, lugares por onde passaram. Ficaram alojadas provisoriamente em S.Bento e instalaram-se no chamado Hospício no largo do Sr.Bom Homem, 49 onde havia uma capela de invocação da Sra.das Necessidades. Ali permaneceram quatro anos



Figura 4 – Capela-môr.

⁷ ADB – *Fundo Monástico*C55, doc. 458

⁸ Idem, *Ibidem*. O mosteiro de Coimbra havia sido edificado em 1739.

⁹ ADB – *Fundo Monástico* C55, doc. 458

¹⁰ Pode ter sido coincidência, ou não, o mosteiro se ter transformado em asilo de órfãos. ADB – *Fundo Monástico* C55, doc. 459.

e meio, juntando 17 irmãs. O desejo de Sta. Teresa de comunidades reduzidas com o máximo de 13 elementos superou-se rapidamente.

Foi primeira priora uma das irmãs de sangue do fundador Maria Inácia do Santíssimo Sacramento, que com as irmãs estivera em S.Bento e apesar de requestada por Lucas Seabra lente da Universidade e Desembargador do Paço não casara, professando carmelita em Coimbra onde era priora¹¹. Segundo constava da escritura apenas ficara acordado edificar o mosteiro e não a igreja pelo menos “*athe se recolherem a elle, porem voluntariamente a mandei fazer...*”, deixando instruções para que após o seu falecimento as obras não parassem e se fizessem à custa dos rendimentos da sua herança, 8000 cruzados em 4 anos. Assinaram além do Cônego Correia Seixas os padres frei Manuel de Sta.Ana, frei Manuel de Deus, António Nunes da Costa e o tabelião Joaquim Alexandre de Oliveira¹².

Pela planta do mosteiro da autoria do carmelita frei Luís de Sta.Teresa e pela água comprada a José Afonso pagou-se 25 910 reis. O local do mosteiro e o da cerca custaram 2 649 091 que a somar à verba anterior não totaliza o montante indicado de início¹³. Fizeram-se mais aquisições.¹⁴

A ideia da fundação desta casa estaria há muito assente pois a tribuna da igreja tem a data de encomenda de 1779, antes da escritura da empreitada e colocada em 1787¹⁵. O autor do risco José Calheiros que recebeu 43 440 reis provenientes dos juros de depósitos na Baía (capital do fundador). As vidraças (da igreja pensamos nós) vieram de Leiria via Figueira da Foz, ou seja vieram por mar, assim como uma boa parte da madeira para a construção¹⁶, meio mais prático, económico e seguro.

Trabalharam na empreitada Manuel Pedro, Gonçalves Franco, Manuel Gonçalves, Manuel Martins, Domingos Afonso, António Domingos, Domingos Ferraz Lima, todos pedreiros. Há ainda os nomes de António Domingues (será o anterior António Domingos?), António Vieira e António Gonçalves a trabalharem nas pedreiras. Estes artistas estão indicados para Março e Abril de 1780¹⁷

Coisa curiosa e inédita para o tempo e lugar, um seguro de obras efectuado em Lisboa no valor de 300 reis.¹⁸

Dirigia as obras como mestre, Geraldo Fernandes Sobreira que substituiu seu pai José Fernandes da Sobreira, por doença deste¹⁹. Os pagamentos regulares fazia-os frei Diogo. Na primeira empreitada “*mediraocce todos os alecerces do convento, da igreja*

¹¹ D'ALPUIM, Maria Augusta, *Carmelitas de Viana*,..... p.128

¹² ADB – *Fundo Monástico* C55, docs. 466 e 467

¹³ ADB – *Fundo Monástico* C55, doc.482

¹⁴ O total referido de início é 2 995 361.

¹⁵ O *Livro da Fundação e Memórias* diz que o assunto estaria em mente há muito e só a intransigência do Marquês mantinha paralisado o projecto. Com a morte de D.José ocorrida em 1778 e a subida ao trono de D.Maria, protectora das Ordens religiosas se pôs em marcha a resolução. D'ALPUIM, Maria Augusta, *Carmelitas de Viana*, p. 126. Assim se compreende então a data da encomenda do retábulo ,colocado após o falecimento do doador..

¹⁶ ADB – *Fundo Monástico* C55, doc.483

¹⁷ ADB – *Fundo Monástico* C55, doc. 484

¹⁸ Idem, *Ibidem*, doc.486.

¹⁹ ADB – *Fundo Monástico* C55, doc.468 (escritura de obra), fl.3

excluindo os quatro alecerces aonde asentam os arcos do claustro... “ e “mediraoce todas as paredes do andar de baixo excluindo os confecionarios e coro abaixo...”. Depois “*mediraoce todas as paredes do andar de cima incluindo os licerces dos arcos do claustro e as devizoens das sepulturas com as paredes de sima dos mesmos arcos, as trabes dos confecionarios, coro, grade e caza da roda, toda a parede do oratorio do noveciado.... quedutos da sabida da agoa e tambem todas as paredinhas que se fizeram em sima das abobadas para as devizoens dos tabiques...*” excluía-se “*o fronte espicio e corpo da igreja e tambem a porta da portaria de fora e a porta trabessa...*”. A obra seria de “*de cantaria lavrada e tosca.... A lavrada de picam*” As molduras nos dois andares e “*as carrancas do lavatório*” (seria da fonte do claustro, já que o lavatório vem no singular?) . “*as abobadas singellas*”²⁰e outras dobradas.

Na folha 9 Geraldo Fernandes Sobreira contrata-se com frei Luís de Santa Teresa relativamente à segunda medição²¹ que incluía a igreja, frontespicio, coro de baixo, roda com “*dous floreis*”²² e os “*propianhos dos pulpitos*”²³ Pelo menos a planta da igreja e anexos será daquele frade. Numa terceira medição fez-se a torre, as alvenarias da igreja, sacristia, antecoro, escada da roda, confessionários, soleiras, os lajeados e as molduras²⁴. As coisas não terão corrido bem porque em 1790 temos um auto por incomprimento do contratualizado²⁵.

O responsável pela obra de carpintaria foi mestre António Francisco Lima assessorado por João Barreiro que fez portas e janelas em 1781²⁶. António Rodrigues de Lanheses forneceu a telha e o tijolo. Lanheses seria terra de barros de boa qualidade porque é origem destes materiais de construção noutros mosteiros. A cal veio de Manuel Portugal Calhorda.

Entretanto as monjas mantinham-se na rua da Fervença . Este topónimo é hoje completamente desconhecido na cidade. Por aproximação aventamos a hipótese da casa onde estiveram alojadas, intervencionada em 1782 e propriedade de José Pereira Campos, ser uma construção que apesar das modificações, corresponde em estilo e dimensões ao pretendido. Tinha uma capela privada da invocação da Sra.das Necessidades e situava-se, no largo do Senhor Bom Homem de que fala a documentação, actualmente poderá ser o largo Vasco da Gama. Mudaram-se para a nova morada em 19 de Junho de 1785 com grandes festejos²⁷.

Em 1783 levantaram-se os muros sob a direcção de Simão Gonçalves, Manuel do Campo da Penha executou as grades²⁸ e Frutuoso Francisco fez os pregos. Aplicou tudo

²⁰ ADB- Idem, *Ibidem*, fls. 6 e seguintes

²¹ ADB – *Fundo Monástico* doc. 468, fl.10vº

²² Idem, *Ibidem*, fl.10

²³ Idem, *Ibidem*.

²⁴ Idem, *Ibidem*, fl.10 e seguintes.

²⁵ Idem, *Ibidem*, fls. 13/13vº.

²⁶ Idem, *Ibidem*, docs. 501, 504 e 505.

²⁷ D’Alpuim, Maria Augusta, *o.c.*, p. 128

²⁸ ADB – *Fundo Monástico*.... C55, doc. 506

o ferreiro Manuel Rodrigues. No trabalho há ainda Manuel Alves da Póvoa que forneceu cal e um mestre Lourenço não especificado.²⁹

As madeiras utilizadas foram na maior parte pinhos, provavelmente para tabiques (as divisórias das celas eram de madeira) aparece algum castanho e tábuas do Brasil para mesas, talvez as do refeitório feitas de castanho e madeira de caixa como ficou registado ³⁰. Usaram-se couçoeiras de jacarandá

(Brasil) que foram do Porto. Nesta cidade foi também adquirida uma mesa pequena sem qualquer especificação e algumas das ferragens que José Fernandes Loureiro aplicou nas grades de ferro feitas em molde³¹.

Caetano Ferreira, ferreiro fez a grade do locutório, provavelmente da envergadura da que está na igreja próximo do arco cruzeiro do lado da Epístola a vedar o latero-coro feita por António Ferreira de Crasto (denominado o ferreiro frade) a que Luís Ferreira, serralheiro colocou as aguçadas pontas que desafiam qualquer intenção³². Uma outra grade foi colocada no ante-coro e da mão daquele “frade”.

Em 1784 Antonio da Cunha substituiu provisoriamente Geraldo Fernandes³³.

No mesmo ano o azulejo para a cozinha e para o refeitório veio de Lisboa, de barco, e custou 50 880 reis mais o transporte 3 530 reis. Na cozinha colocaram-se 5 pedras para pias³⁴. Fez-se para o refeitório um púlpito de madeira de castanho, riscado e executado por Manuel Francisco (fez também mais alguns trabalhos no locutório, não identificados), em 1785.³⁵ Na parede um quadro a óleo representava a Ceia dos Apóstolos³⁶. Os candeeiros custaram 3 800 reis³⁷. Foi da autoria daquele artista a peanha de St. António existente na cozinha e uma estante de altar para oratório.³⁸ Este oratório



Figura 5 – Altar-môr.

²⁹ Idem, *Ibidem*, doc. 508

³⁰ O inventário diz serem 7 tábuas de madeira de caixa e castanho. IANTT – AHMF, *Religiosas do Desterro de Jesus, Maria, José, Ordem das Carmelitas Descalças em Viana do Castelo*, Cx.2049, capilha 2 (inventário).

³¹ ADB – *Fundo Monástico* C55, doc. 510

³² Idem, *Ibidem*, docs.521 e 523.

³³ Idem, *Ibidem*.

³⁴ Idem, *Ibidem*, docs. 513 e 515

³⁵ ADB – *Fundo Monástico* C55, doc. 519

³⁶ IANTT – AHMF, *Religiosas*..... Cx.2049, capilha 2 (inventário)

³⁷ ADB – *Fundo Monástico* C55, doc. 518

³⁸ ADB – *Fundo Monástico*, C55, doc. 520. Como os documentos são seguidos parece que o referido oratório seria a obra, não identificada, de Manuel Francisco no locutório.

tinha castiçais prateados por um pintor (talvez António Luís, o pintor).³⁹ Há ainda o custo de 9 “*esguichos para lavatórios*” no valor de 3 000 reis⁴⁰

O claustro é simples segundo a escritura de pedraria. Os arcos de meio ponto apoiam-se em estreitos pilares de secção quadrangular, numa espécie de ábaco sem capitel. A área torna-se pequena pelos elevados pés direitos dos pilares. No centro estaria um “*tanque de pedra com bica*”⁴¹. O forro é de abóbada de canhão com tramos que arrancam dos seguintes dos arcos e por cima uma varanda descoberta. O chão de laje servia para as sepulturas como atrás ficou dito. Este claustro austero possuía capelas e como encontramos a encomenda de 4 cruzes para as ditas capelas, podemos calcular serem igualmente do mesmo número, provavelmente nos cantos ou topos das alas. Foi seu autor João Afonso, carpinteiro que fez também os forros da sacristia, confessionários e portarias de dentro e de fora. Tudo feito em madeira de pinho e em 1785.⁴² O claustro tinha ainda 3 pias pequenas para água benta, em louça de Viana, 5 lampiões (4 seriam das capelas) e alguns bancos de pinho⁴³.

Haveria no claustro algum tipo de arrecadação, pelo teor dos objectos descritos no inventário encontrados na “*loja do claustro*”: 2 estantes, tocheiros de pau preto, jarras de louça e de folha pintada e alguns ramos de flores artificiais. Estamos em crer ser um aproveitamento de vão de escada, provavelmente da chamada “*Escada Regral*” onde estiveram as imagens da Senhora das Dores, S.João (provavelmente Evangelista), Sta.Maria Madalena e Sta.Teresa e um quadro a óleo representando a Sagrada Família⁴⁴. Esta escada daria para a portaria.



Figura 6 – Latero-coro (porta maior);
comungatório (porta menor).

Das celas nada se acrescenta por nada haver de relevância, eram carmelitas descalças. Pobreza e simplicidade segundo o pensamento de Sta.Teresa. Enumeram-se outras dependências: a Casa da Grade (locutório), a Casa da Recreação que incluía um corredor de acesso à Rouparia onde entre os vários objectos se encontrou uma cadeira de rodas e a Enfermaria. Por todo o

³⁹ Idem, *Ibidem*, doc. 519.

⁴⁰ Idem, *Ibidem*, doc. 518.

⁴¹ IANTT – AHMF, *Religiosas do Desterro de Jesus, Maria, José, Ordem das Carmelitas Descalças em Viana do Castelo*, Cx.2049, capilha 2 (inventário).

⁴² ADB – *Fundo Monástico*.... C55, doc. 518

⁴³ IANTT – AHMF, *Religiosas do Desterro*.....Cx.2049, capilha 2 (inventário).

⁴⁴ Idem, *Ibidem*. Esta escada daria para a portaria, paredes meias com o claustro. A existência de um grande quadro a óleo com aquela representação indicaria de imediato a quem entrasse, se não soubesse, a invocação do instituto – Jesus, Maria e José.

lado se multiplicavam os armários embutidos nas paredes com prateleiras e portas de castanho. Na Casa da Procuração se tratavam os negócios do mosteiro, que os papéis do governo estavam no Arquivo (como denomina o Inventário) assim como vários livros incluindo os de Canto-chão. O Largo da Parceria não fazemos ideia o que seria até porque o mobiliário era incaracterístico – armários e caixas de castanho e pinho. A Casa do Espregador poderia ser também uma incógnita não fora o teor do que ali se encontrava – 4 pias de pedra chamadas os “*espyadores*”, outras pias de pedra, uma mesa do mesmo material colocada em “*postes*” e panelas de cobre. Esta panóplia de pedra parece ser qualquer coisa parecida com matadouro. Tinham uma adega com 6 pipas de castanho, utensílios de lavoura e gado bovino, um espigueiro arruinado, um lagar de pedra, um depósito de pedra para água. A terminar esta resenha do quotidiano falta-nos indicar o lagar do azeite com talhas de barro e a Casa de Engomar onde além dos habituais armários de parede e mesas de pinho se instalava um alambique de cobre. A habitual casa capitular seria a Casa do Conselho. Dependência sem ambições de Capítulo, onde se juntavam apenas os deputados e não a comunidade inteira, para tratar dos assuntos da casa. Segundo nos disseram era e é normalmente o ante-coro.

Com as invasões francesas as monjas fugiram para Lisboa onde permaneceram até ao fim dos conflitos. O mosteiro escapou praticamente incólume aos vendavais das pilhagens e profanações por ser recente e como tal pouco apetecível. Mas os elementos naturais são difíceis de suster. Em Março de 1811 já os franceses revolucionários e laicos davam lugar aos ingleses hereges, um raio atingiu a capela mor da igreja, derrubando-a. Dos estragos reais não há registo, apenas arranjos na igreja, caixilharias, vidraças, portas e pinturas feitas por Domingos Jorge Soares⁴⁵

A Igreja do mosteiro do Desterro

O complexo monástico parece ter passado despercebido aos olhos cobiçosos da lei da exclausuração. O seu enorme porte a contrastar com extrema simplicidade não atraiu as atenções nem da Comissão das Belas-Artes sempre em busca de preciosidades saídas dos redutos religiosos. Não encontramos a habitual lista de objectos a recolher aos museus nacionais.

Apenas sofreu os inevitáveis cortes exigidos pela urbanização. O enorme adro desapareceu e com ele as construções adossadas a poente. A torre é bastante alta com a secção do campanário diferenciada. Arranca da varanda do claustro no ângulo sul/poente. Do lado nascente a casa dos sinos tem janela geminada com recorte de meio ponto e muito simples. Os sinos vieram de Braga feitos por João Ferraz Lima, eram dois com o peso de 10 arrobas e 8 arráteis um e o outro com 2 arrobas e 13 arráteis. As ligas metálicas deveriam ser diferentes (questão de timbre) porque o preço por unidade de peso não é o mesmo. Ao mesmo artífice se comprou uma sineta para a porta de fora.⁴⁶ Registe-se a existência de mais 4 sinetas pequenas e outro sino também de dimensões reduzidas sem localização especificada.

⁴⁵ ADB – *Fundo Monástico* C55, doc. 529 (diz ser do século XIX).

⁴⁶ ADB - *Fundo Monástico* C55, doc. 525. Uma arroba eram 32 arráteis, hoje arredondada para 15 kg. Um arrátel 459 g.

O núcleo monástico ficou, parece-nos, intocado. A fachada da igreja muito alta torna-se estreita apesar dos entablamentos que ligando entre si as pilastras duas a duas formam visualmente com o portal, um idealizado nartex, interrompido pela dinâmica formada pelos elementos centrais. A presença destas linhas horizontais, cortando a empena sensivelmente pelo meio é eficaz na ideia que transmite. A coroar o rectângulo um frontão liso e no centro dele o brasão da Ordem iconograficamente identificada: Uma cruz e três estrelas⁴⁷. No enfiamento das linhas verticais quatro fogaréus ladeiam a cruz no ápice, dividindo o espaço a intervalos regulares. O conjunto é típico das construções carmelitas tanto na dimensão como na distribuição dos volumes, ou seja um alçado de tipo palladiano idêntico a outros da mesma Ordem: fachada rectangular com frontão recto com galilé ou algo de semelhante que corre ao nível do coro alto, entrada axial por debaixo do dito coro, já que o coro baixo não existindo naquele local se vai situar junto à capela-mór com o comungatório, tornado num extenso túnel na parede. Este foi o tipo de igreja criado por Francisco Mora para as carmelitas de Ávila, em 1608⁴⁸. De aspecto despojado e com traços semelhantes a igreja do Carmo (instituição masculina) relativamente próximo.

A simplicidade estrutural é suavizada pela decoração curva das guarnições do portal e do janelão do coro alto, dos recortes das cartelas laterais ao nível do rez-dochão que produzem a ideia de arcos e dos nichos que como janelas as sobrepujam. A variação na colocação dos elementos decorativos dever-se-á às características estilísticas em causa a lembrar ainda o joanino. Nos casos mais antigos, em Espanha, a imensa abertura do coro era substituída externamente por um nicho, ficando a luz reduzida a pequenas aberturas laterais que no caso vertente são os nichos que acompanham longitudinalmente o elemento central deslocado planimetricamente. Estas incursões decorativas não retiram no entanto o tom de austeridade, apenas lhe dão um toque de modernidade. O volume sul fica equilibrado pelo mirante colocado a nascente, do lado oposto à igreja.

As paredes nascente e poente da igreja têm aberturas de meia laranja, partidas e outras com verga curva a acompanhar o cruzamento das abóbadas internas. O pano poente segue para norte por alto muro que veda agora as instalações do lar de Sta. Teresa e faz separação com a área pública. No seguimento da fachada principal, para nascente, continua o mosteiro propriamente dito no mesmo plano da igreja. As janelas de dois pisos sobrepõem-se num ritmo regular. Ainda há pouco tempo existia um muro no seguimento desta empena, para poente, de que restam vestígios no cunhal sul/poente da igreja.

Entramos no templo pela porta principal colocada no eixo longitudinal e encimada por um frontão que acompanha o alto da fachada. Uma abóbada limitada por dois arcos abatidos paralelos e de grande envergadura suporta o coro alto. Próximo a entrada lateral, muito discreta, a dar para a portaria do mosteiro onde se colocava uma roda. Normalmente as planificações femininas a partir do século XVI apresentam coros

⁴⁷ As estrelas – O profeta Elias, o profeta Eliseu e N.Sra.Carmo. a Cruz foi introduzida por S.João da Cruz, carmelita calçado que com Sta.Teresa fundou os descalços.

⁴⁸ GOMES, Paulo Varela, “*As Igrejas conventuais de freiras carmelitas descalças em Portugal e algumas notas sobre arquitectura de igrejas de freiras*”, Museu n^o9, Porto, 2000, pp.83/98



Figura 7 – Coro alto; púlpitos laterais.

sobrepostos. As carmelitas são excepção. A planta é basilical não existindo separação da capela mor. Também não tem transepto (vulgar nas construções femininas). Uma larga pilastra desenha o arco cruzeiro sem interrupções, terminando e arrancando do supedâneo que eleva o “*Sanctus*”. O grande pé direito da igreja definido por linhas verticais é acentuado por outras pilastras rematadas por cornijas simples. O despojamento e amplitude convidam à elevação. Os púlpitos em número de dois, em talha de finais do século XVIII estão colocados para lá dos dois únicos altares da nave. Os largos panos graníticos onde se adossam sobressaem da alvura das paredes por sucessivas sobreposições de planos. Os arcos de meio ponto colocados no intervalo das pilastras servem de nicho aos altares e ao latero-coro onde uma pesada grade de dimensões apreciáveis traduz, com eficazes pontas aguçadas, o conceito de clausura restrita. A correspondência deste coro é feita do lado oposto (lado do Evangelho) por um altar dedicado ao Calvário. Nele estão também as imagens de S. Francisco de Paula, à esquerda e de S. Bráz, (bispo da igreja oriental) à direita. O risco é algo diferente relativamente aos altares da nave, mas no geral segue o mesmo estilo. Na nave estão: do lado do Evangelho, a Sagrada Família em vulto grande e nas peanhas menores, à esquerda S. Joaquim e à direita Sta. Ana, no centro Sta. Rita de Cássia. Do lado da Epístola, Nossa Sra. do Carmo ocupa o lugar de honra, tendo do lado esquerdo a invocação de Nossa Sra. da Encarnação e à direita o fundador da Ordem, S. João da Cruz. No centro aos pés da Virgem, uma urna de Sta. Filomena⁴⁹. Nos altares quatro pedras de ara no valor de 6 080 reis tinham vindo de Lisboa⁵⁰

A cobertura não é a original consumida pelo fogo mas efectuada como cópia fiel. De abóbadas simples e duplas como preconizava o contrato, com lunetas.

A singleza tem como ponto de fuga o retábulo do altar mor que apesar das poucas manifestações decorativas acusa o período de indefinição em que foi concebido. Entre o barroco de finais de 700 e o neo-clássico que surgia, entre lacados e dourados, muito ao gosto da época. Quatro colunas de fuste liso com um terço estriado, suportam um entablamento simultaneamente curvo e recto a que corresponde um plinto alto na mesma linha. A zona central da tribuna de José Calheiros (obra extra-contrato, paga à parte com fundos específicos como se disse e antes da empreitada) é ocupada por um painel a óleo, que o inventário do Ministério das Finanças cataloga como tal, sem no entanto referir a natureza da obra. A representação pictórica é o sinal inequívoco

⁴⁹ Esta urna deve ter tido um oratório próprio. IANTT - AHMF, Cx.2049, capilha 2 (inventário).

⁵⁰ ADB – *Fundo Monástico* . . . C55, doc. 518.

da invocação do mosteiro, Desterro, a fuga para o Egipto. Entre as colunas Sta. Teresa (uma lindíssima imagem estofada, da fundadora) do lado da Epístola e S. José do lado oposto. O sacrário tem sabor rocóco numa composição clássica, encimado por uma coroa da Virgem. Não sabemos o ou os autores dos altares laterais que têm um traço ligeiramente diferente, parecendo copiar o altar principal mas com algumas modificações propositadas ou não. Na nave portas mais pequenas, de verga recta com sanefas, que serviriam, pelo menos os do lado da Epístola, de confessionários, a seguir ao latero-coro e do lado do mosteiro. O coro alto comunica com a igreja por um janelão de moldura granítica muito simples mas com recorte ainda joanino. A actual vidraça que o protege no lugar da espessa grade que lá estaria, coberta com cortinas, permite visualizar o espaço com lambril azulejado e um atril simplificado de madeira nobre. Esta peça indispensável em qualquer coro é uma austera pirâmide truncada assente num “toro” de pau preto que constitui o seu pé e que Vitorino Marcos (não sabemos se o artista) mandou vir do Porto, com 7 arrobas de peso. Custou 4 025 000 reis (575 por arroba)⁵¹. Com ele se desenhou uma espartana base de quatro braços de estilo Josefino. No remate superior uma cruz.

Há algumas notícias dos anos pós exclausuração. Em 1844/45 Fernando José da Costa dedicava-se a pequenas obras de carpintaria, pintura (confessionários novos), grades, supedâneos dos altares (em número de quatro), portais na entrada do edifício e vedação das águas pluviais, na igreja.

No dia 15 de Outubro de 1900, pelas 18 horas falecia a última habitante do mosteiro. Meio século antes, em 1857 a comunidade tinha ainda 13 religiosas, tantas quantas as preconizadas por Sta. Teresa. A mais velha com 84 anos e a mais nova com 46. A maioria era nascida em localidades próximas como Viana, Braga, Lamego, Porto, Guimarães e Vila Real, mas também de Aveiro (uma) e outra de Leiria. Externos à comunidade permaneciam os capelães (1º e 2º), sacristão, médico, cirurgião, agente de causas (advogado), três criados, porteira, criada de fora e padeira.

Segundo a lei não tinham admitido noviças ou recolhidas e não albergavam educandas. No entanto contornando este obstáculo à sua sobrevivência, permitia a rainha meninas do coro que entraram entre 1847 e 1857 em número de sete⁵².



Figura 8 – Altar da capela-môr (lado do Evangelho).

⁵¹ ADB- *Fundo Monástico* C55, doc.525

⁵² IANTT, *AHMF*, Cx 2049, capilha 1, doc.IV/A/53/11.

Não fica o estudo completo sem uma incursão, ainda que breve, pelo conteúdo duma biblioteca monástica neste final de século.

O número de volumes que a comunidade possuía denuncia uma melhoria acentuada nas condições educacionais da mulher. Comparando com os espólios literários de outras congregações da zona geográfica dá-mo-nos conta que a quantidade e qualidade são idênticas. A diferença é o tempo em que a comunidade carmelita reuniu essa biblioteca. Escassos anos relativamente a outras acumuladas ao longo de dezenas ou mesmo centenas de anos.

Entre as obras arrestadas pelas bibliotecas e arquivos nacionais contam-se os habituais missais, graduais e reflexões. De autores referenciados há vários comuns a outras livrarias monásticas como frei Luís de Granada, Arbiol, frei Manuel Bernardes, Ribadaneira, madre Agreda, Kempis e naturalmente Juana da la Cruz e Sta.Teresa. Por si só espelham a orientação daqueles espiritualistas que muito cedo procuraram reformar costumes e atitudes mediante uma postura nova, voltada para o fundamental da Fé; procurar no interior de cada um o sentido da Vida num diálogo profundo com o Criador, a Oração Mental.

Outros autores são especificados apenas por um apelido onde estarão obras de cariz puramente carmelitano. No total eram 102 exemplares de 82 obras diferentes. Alguns volumes truncados e vários manuscritos de canto-chão completavam o acervo.

Das imagens que se espalhavam pelo mosteiro não sabemos o paradeiro. Na igreja mantêm-se, pensamos uma iconografia original nos altares, mas o inventário regista mais que as que lá estão. No coro alto, como num pequeno museu estarão algumas outras.

Ainda o mosteiro era habitado pelo que restava da comunidade carmelita, após o decreto do “mata frades” de 1834, quando o rei D.Carlos o cedeu para asilo das órfãs que utilizava instalações na Av.das Laranjeiras hoje Rocha Paris. Abandonado depois, o edifício entrou em degradação ao ponto de a igreja servir de pombal. No último terço do século XX (1967) o arcebispo de Braga, D.Francisco Maria da Silva instituiu nela a paróquia de Nossa Sra. Fátima invocação ali venerada desde os finais da 2ª guerra mundial. Paredes meias mantêm-se o asilo agora com denominação actualizada: Lar de Sta.Teresa.

O INVENTÁRIO DO AHMF⁵³

Das alfaias e paramentos destaca-se um pavilhão do sacrário bordado a ouro, uma capa de asperges de seda com aplicações, franja e galões de prata e outro pavilhão de seda bordado com franja de prata. O melhor frontal de seda estava muito usado.

Os castiçais, as sacras e as jarras eram de “pau”. Na igreja para além das imagens nomeadas existiram as das beatas Maria da Encarnação e Maria dos Anjos, de Sta.Luzia, de St.Antonio, de S.Caetano, as invocações marianas do Socorro e da Conceição e pelo menos três crucifixos de madeira.

Na sacristia da igreja uma imagem da Senhora do Carmo e um nicho com um crucifixo. O Senhor da Cana Verde e uma Senhora das Dores deveriam ser de roca

⁵³ IANTT – AHMF, *Carmelitas Descalças de Viana*, Cx.2049, capilha 2

porque apresentam vestimentas isoladas, de seda. A Capela do Senhor dos Passos que não situamos possuía segundo o Inventário duas imagens, de Cristo e da Virgem, uma urna de castanho e um manicórdio⁵⁴ em mau estado. Na sacristia do mosteiro uma peça a fixar, um Cristo de marfim com 33 cm de altura.

Pelo espaço monástico distribuía-se várias réplicas de vários tamanhos de todas as imagens descritas e ainda S.Silvestre, S.Gonçalo, Sta.Maria Madalena, um presépio em ponto grande e duas imagens com relíquias (na Casa da Recreação) e mais duas com relíquias no Coro Alto, onde estaria também um Calvário pequeno e uma Nossa Sra. do Carmo.

Vários quadros a “óleo” maiores ou menores assinalam-se nas várias dependências e uma profusa colecção de gravuras em papel. Dos móveis nada há a ressaltar entre armários, bancos (o coro não tinha cadeiral), tocheiros alguns em madeira exótica. Os luxos conventuais traduziram-se numa escrivaninha de pau preto, uma papeleira de vinhático e dois contadores com capa de xarão que o Inventário classifica de “*mau estado*”. No ante-coro duas peças indispensáveis aos tempos modernos, “*um relógio de parede com caixa de castanho e pesos de metal*” e outro pequeno, despertador, vários oratórios (um de S.Gonçalo) e várias urnas de madeira de castanho.

No Coro Alto para além das referidas relíquias, altares e oratórios sem especificação, encontraríamos dois elementos a conferir a este local uma importância fundamental na vida das enclausuradas: uma cadeira de braços e um órgão positivo⁵⁵. Um lugar distinto para a governante da comunidade e o apoio musical para as cerimónias solenes.

As extravagâncias a que se permitiram as monjas reduziram-se a algumas peças de ourivesaria para uso da igreja: uma custódia de prata dourada com raios cravejados de pedras falsas, vermelhas e brancas, um cálice e patena de prata dourada e mais dois do mesmo metal dourado, sendo um lavrado, um purificador, um vaso do sacrário e as respectivas chaves de prata. O resto resume-se aos resplendores das imagens, coroas, as setas de S.Sebastião (de que curiosamente não consta nenhuma no Inventário), cordão e anéis de ouro, fios de pérolas e contas de ouro e brincos tudo de Sta.Filomena.

Resta um apanhado ainda que superficial dos bens conventuais “*ao luar*”: “*grande casa, mirante, torre, claustro com jardim, varanda descoberta e na cerca o forno e galinheiro cobertos, cortes de gado, eira de pedra coberta, vinha, laranjal e árvores de fruto, terra de lavradio e horta*”. A água de rega era da mina da Abelheira e a cerca toda murada.

As confrontações: A norte o caminho, a sul a rua da Bandeira, a nascente uma faixa de terra fora do muro da cerca e a poente o caminho e terra da cerca.

Dentro do adro da igreja uma morada de casas altas que era a casa do capelão. Tinha a norte e poente o adro, a nascente a cerca e a sul a rua da Bandeira. Na mesma área envolvente outra casa, a dos criados,tendo a nascente e norte o adro, a poente o terreno do convento e a sul a rua da Bandeira.

⁵⁴ O equivalente a clavicórdio do latim chave – instrumento musical de cordas com teclado ou chaves. O manicórdio é uma versão mais recente já do século XIX.

⁵⁵ Está indicado “*um órgão amovível com armário*” a isto se chama um positivo. IANTT - AHMF..., Cx 2049, capilha 2 (Inventário).

Fazia parte dos bens arrestados uma pequena casa baixa com uma tira de terra junto do muro da cerca do lado nascente, uma morada de casas baixas com quintal na rua da Bandeira chamada a Lavadeira, um bocado de terreno, o rocio, junto do muro da cerca do lado nascente e outro “rocião” do lado poente. Duas leiras de mato e pinheiro na Meadela. O consumo de água 28 penas⁵⁶ de um veio de água que vinha da quinta de António Pereira Cirne Bezerra Fagundes, na freguesia de Sta. Maria Maior. “*Um aqueduto de pedra em bom estado*” era o meio aquífero que abastecia a comunidade carmelita.

Algum dinheiro a juros em capitais públicos e privados (empréstimos com uma longa lista) e acções da Companhia Geral de Agricultura do Alto Douro completaram o “lucro” da Fazenda Nacional.

OS ARTISTAS QUE TRABALHARAM NO MOSTEIRO DO DESTERRO DE VIANA DO CASTELO

NOME	DATA	OFICIO	OBRA	OBS
Frei Luís Sta. Teresa	1780/Setembro 1786	Autor do risco		1)
José Fernandes da Sobreira	1786	Mestre da obra		2)
Geraldo Fernandes Sobreira	1786/1790	Mestre da obra		3)
José Calheiros	1779/1787	Entalhador	Tribuna altar mor	4)
Manuel Pedro Gonçalves Franco	1780	Mestre pedreiro	indiferenciado	5)
Manuel Gonçalves	1780	M. pedreiro	indiferenciado	6)
Manuel Martins	1780	M. pedreiro	indiferenciado	7)
Domingos Afonso	1780	M. pedreiro	indiferenciado	8)
António Domingos	1780	M. pedreiro	indiferenciado	9)
Domingos Ferraz Lima	1780	M. pedreiro	indiferenciado	10)
António Vieira	1780	M. pedreiro	indiferenciado	11)

⁵⁶ Seria o veio de abastecimento que tinha o diâmetro equivalente a 28 penas de pato, ou a taxa que pagavam.

António Gonçalves	1780	M. pedreiro	indiferenciado	12)
João Barreiro	1781	Carpinteiro	Portas/janelas	13)
António Francisco Lima	1781	Mestre carpinteiro		14)
Manuel Portugal Calhorda	1781	Caleiro		15)
António Rodrigues	1782		Tijolos e telhas	16)
Manuel Alves da Póvoa	1783		Cal	17)
Frutuoso Francisco	1783	Serralheiro	pregos	18)
Manuel Rodrigues	1783	Ferreiro	grades	19)

ARTISTAS NO MOSTEIRO DO DESTERRO DE VIANA DO CASTELO
(continuação)

NOME	DATA	OFICIO	OBRA	OBS
Lourenço	1783	Mestre ...		20)
Caetano Ferreira	1783	Ferreiro	Grade locutorio	21)
António Cunha	1784	Mestre de obra	Subst. Geraldo Fernandes	22)
José Manuel Abreu	1784	Pintor/dourador	Castiçais e encarnação	23)
José Fernandes Loureiro	1784	Ferreiro	Grades em molde	24)
José Filipe	1785	Pintor/dourador	rotulas	25) era de Esposende
António Luis	1785	Pintor	Frontal igreja	26)
Luis da Silva	1785	Latoeiro	Lucernas, candeeiros, vidraças	27)
António José	1785	Esteireiro	Armar a igreja	28)

José Pinheiro ou Pinho	1785	Mestre de musica	A inauguração	29)
Manuel Francisco	1785	Entalhador	Púlpito refeitório, estante altar, peanhas	30)
Luís Ferreira	1785	Serralheiro	Espigões da grade coro baixo	31)
António Fernandes de Castro	1785/86	Ferreiro	Grade coro baixo e ante coro	32) é o frade
Perna de Pau	1786	Pintor		33)
Vitorino Marcos	1786	Entalhador?	Estante coro	34)
João Ferraz Lima	1786	Sineiro	sinos	35) era de Braga
Domingos Jorge Soares	Sec.XIX	Pintor	Portas e janelas	36)
Fernando José da Costa	1844/45	Carpinteiro	Consertos vários	37)

1) D'ALPUIM, Maria Augusta de, *Carmelitas em Viana*, Cadernos Vianenses, tomo II, CMVC, 1979, p.126.

2) ADB, Fundo Monástico, C55, *Carmelitas Descalças de Viana*, doc.468, 488

3) Idem, *Ibidem*.

4) Idem, *Ibidem*, doc.481

5) Idem, *Ibidem*, doc.484

6) Idem, *Ibidem*.

7) Idem, *Ibidem*.

8) Idem, *Ibidem*.

9) Idem, *Ibidem*.

10) Idem, *Ibidem*.

11) Idem, *Ibidem*

12) Idem, *Ibidem*.

13) Idem, *Ibidem*, doc.501

14) Idem, *Ibidem*, doc.504

15) Idem, *Ibidem*

16) Idem, *Ibidem*, doc.505

17) Idem, *Ibidem*, doc.508

18) Idem, *Ibidem*

19) Idem, *Ibidem*

20) Idem, *Ibidem*

21) Idem, *Ibidem*, doc.509

22) Idem, *Ibidem*, doc.510

23) Idem, *Ibidem*, doc.516

24) Idem, *Ibidem*, doc.510

25) Idem, *Ibidem*, doc.517 e 519

- 26) Idem, *Ibidem*, doc.519 e 523
- 27) Idem, *Ibidem*
- 28) Idem, *Ibidem*
- 29) Idem, *Ibidem*
- 30) Idem, *Ibidem*
- 31) Idem, *Ibidem*, doc.521
- 32) Chamavam-lhe o frade (seria um artista carmelita?) Idem, *Ibidem*, doc.523
- 33) ADB, *Fundo Monástico, C55*, doc.523
- 34) Idem, *Ibidem*, doc.525
- 35) Idem, *Ibidem*
- 36) Idem, *Ibidem*, doc.529
- 37) Idem, *Ibidem*, doc. 536 e 538